

PAI, ONDE ESTÁ VOCÊ?

Num país onde 800 mil crianças por ano são registradas sem o nome do pai, as histórias se confundem e bem que poderiam ser uma só

TEXTO | JERÔNIMO SILVELLO e MICHELI AGUIAR
FOTOS | JOÃO DE QUEIROZ

A respiração é tranquila. O balanço parece ser confortante e seguro. Limpinho e de barriga cheia o pequeno Paulo Gustavo não tem noção do que será a sua vida. Nem em quais circunstâncias ela se encontra. Com apenas um mês de vida, o seu nascimento já é motivo de uma ação judicial. A razão: paternidade.

A história do pequenino de olhos azuis e cabelos abundantes na verdade começa bem antes do sono tranquilo de um dia quente e ensolarado de primavera. Ela começa no dia 30 de dezembro do ano passado. Foi neste dia que Paulo Gustavo passou a existir. Cristiana Cardoso Ferreira, 15 anos, e o então amigo Samuel* estavam de bate papo na frente de casa, naquela noite quente de verão e véspera de fim de ano. Para não ficar mal falada na vizinhança, a irmã da menina, de apenas 14 anos na época, pediu para que eles entrassem para casa. "Aí tu já viu, né? O papo ficou mais quente e a gente fez o que não devia," revela a garota de sorriso maroto.

Uma noite. Apenas uma vez. E foi o suficiente para a garota cheia de sonhos e com planos de ser pediatra engravidasse. A menstruação antes regrada atrasou 15, 20, 30 dias. Os enjoos começaram, assim como os vômitos e o excesso de sono. "Eu comecei a dizer que estava com anemia. Mas minha mãe dizia que aquilo tinha outro nome. E tinha!", lembra, sem constrangimento algum, a mais nova mãe da família Ferreira. Dos sete filhos de José e Sandra, três já foram pais, duas na mesma situação que Cristiana: engravidaram na adolescência. Mas as duas irmãs da menina tiveram um pouco mais de sorte. Os pais dos bebês assumiram a responsabilidade.

"Eu tentei, sabe. Ele até veio aqui quando o Paulo Gusta-

vo tinha três dias. Disse que ia assumir, que ia registrar. Mas a mãe dele disse que não era pra ele assumir filho dos outros." Nem neste momento o sorriso da menina sai do rosto. Não parece nervosa nas palavras. Mas a cadeira mexendo descompassadamente revela a frustração e a decepção de Cristiana com o pai do seu filho.

A jovem, que parou de estudar para virar mãe, conta com o auxílio fundamental dos pais, principalmente da mãe, para cuidar do bebê e de si própria. "Ela me ensina tudo. Me dá tudo. Quando ela está em casa eu fico olhando as coisas que ela faz com o Paulo Gustavo para depois eu fazer também." Mas dar banho no bebê ou segurar para fazer vacina Cristiana não faz. "De jeito nenhum". O motivo, ou a desculpa, é que ele chora demais. "Quando ele foi fazer as vacinas de um mês, foi a enfermeira que segurou. Tiveram que me tirar da sala de tanto que eu gritava." Sandra Ferreira, mãe da Cristiana, conta mais das façanhas da filha. "As enfermeiras mandaram me chamar porque os gritos dela assustavam o nenê e deixavam-as nervosas." Essa realidade Cristiana sabe que terá que mudar. Mais dia ou menos dia, terá que assumir por completo o trato com o pequeno Paulo Gustavo, que agora parece ter sentido um ventinho no pescoço. Choraminga um pouco, mas logo volta ao sono profundo.

Porém, o problema maior vivido pela jovem mãe não foi a ausência do pai do bebê, nem as crises de asma, constantes durante a gravidez. A grande dificuldade enfrentada por ela foi dar ao seu pai a notícia de que estava grávida. "Eu sou a caçula, sabia que e a decepção ia ser grande", lembra, cabisbaixa. A revelação foi feita só quando a menina estava

Apesar de todo o amor, Cristiana
ainda não consegue dar banho
no pequeno Paulo Gustavo







Mãe solteira,
Cristiana conta
com o auxílio
da família para
cuidar do filho



IMPRESSÕES DE REPÓRTER

É difícil não se envolver e se emocionar com um tema que está presente na realidade brasileira e, principalmente, um tema que serve de alerta para os futuros pais e filhos. É mais difícil ainda quando conhecemos pessoas próximas que vivem a mesma realidade e que cresceram sem a presença do pai. Na rotina da profissão, não podemos escolher qual tema iremos falar. Precisamos estar preparados para encarar toda e qualquer situação que possa surgir no desenvolvimento das pautas. A reportagem que fizemos, serviu para, entre outras coisas, aprender a entender até que ponto um repórter pode se envolver com o assunto em que está tratando. Poder conhecer diferentes realidades sociais e conviver – mesmo que por pouco tempo – com mães batalhadoras, foi, sem dúvida nenhuma, uma experiência única. Os personagens relatados na reportagem são mães que “trocaram” as dúvidas e anseios de adolescente por uma única certeza: garantir a paz e uma boa criação para o filho, recém chegado.

grávida de quatro meses e com a ajuda do pastor da igreja que frequenta com a família. “Eu sempre fui gordinha, minha barriga não cresceu muito. Eu só engordei três quilos a gravidez inteira”, relembra.

Hoje a situação é outra. Passada a decepção, o avô agora é o mais coruja. “O Paulo Gustavo é o xodó dele. Minhas irmãs até têm ciúme do menino”, admite, com um sorriso largo no rosto. E a menina sabe que vai precisar por um bom tempo ainda deste apoio e encantamento dos avós pelo pequeno. “Mas é só ele ficar grandinho que eu vou trabalhar e sustentar meu filho e provar pro pai dele que o Gustavo não precisa dele.”

A história se repete

Cristiana mora na periferia de São Leopoldo, mas sua história pode ser semelhante ou igual a de milhares de jovens brasileiras. Segundo o Ministério da Saúde, só no ano passado 485.640 partos de mulheres com menos de 20 anos foram feitos no país. Mas este número já foi maior. Em 1998, foram registrados quase 700 mil partos em adolescentes. Em uma década, a redução foi de 30,6%. Entre os motivos para a queda, de acordo com o Ministério, está a maior procura dos adolescentes a métodos contraceptivos, como as pílulas e as camisinhas.

Métodos que Cristiana e a Ana Paula de Oliveira não usaram. A história da gravidez da jovem carioca se inicia bem longe do Rio de Janeiro. Começa em Porto Alegre. Parecia mais um acampamento como os vários em que ela havia feito. Na bagagem, a lanterna, o colchonete, as roupas e a barraca, velha amiga e mal tratada pelo tempo. Com 19 anos, fez muitas aventuras vida a fora, mas esta, com certeza, foi diferente e a última.

Ana Paula sempre foi uma menina de família. Estudou em escola estadual, trabalhou em bons empregos e pôde, graças à ajuda da família, desfrutar das aventuras e anseios que toda jovem tem. Milton era um hippie ambulante que vendia artesanato para sobreviver. Vida dura, mas cheio de histórias interessantes de um homem que nunca teve paradeiro, muito menos moradia fixa. Nunca conheceu o pai. O sotaque uruguaio o deixava ainda mais encantador. Ela recorda que ele sempre carregava um painel que servia de vitrine para os artefatos que fazia.

O som alto lembrava o clima do Woodstock, conhecido festival da década de 1970 onde toda uma geração ouviu música e fez uso das drogas. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre era o lugar perfeito para ampliar conhecimento, conhecer pessoas e discutir os problemas do mundo, mas virou o cenário para Ana Paula viver sua primeira história de amor. E foi nesse ambiente de descontração em que jovens podiam expor

ideias e discutir os rumos da humanidade que começou a história dos dois. Ela ficou grávida quando perdeu a virgindade.

A notícia da gravidez veio mais tarde, três meses depois, na casa onde morava com os avós Célia e Cyrillo, hoje falecidos. No momento em que todos os nove tios, 10 primos e o casal de avós estavam em volta da mesa servida para um churrasco, o anúncio veio como uma bomba: "Gente, eu estou grávida", disse Ana. Os avós passaram mal. Cyrillo não pensou duas vezes e a expulsou de casa. Ela só pôde voltar a viver com eles passados dois meses da notícia. "Foi uma situação muito difícil para nós", conta Ana.

"Quase me avancei na cara dela", relata a tia Mara Lúcia, que também reforça o impacto que a notícia teve para a família. Ela lembra que Ana largara o emprego com estabilidade, no Palácio do Governo, para ir até o Fórum Social "viver uma aventura de adolescente". Com a notícia da gravidez, a responsabilidade aumentou. Ela precisou trocar os sonhos que tinha por fraldas e "hipoglós". Foi uma época turbulenta,

pois ela também estava terminando o segundo ano do ensino médio e teria que largar tudo para cuidar de um bebê.

Milton, o pai da criança, sempre teve uma vida muito difícil. O pai dele também era ambulante e o deixou para viver a vida sem rumo e, para piorar, a mãe ganhava a vida como prostituta numa boate na zona rural do Uruguai. Ao longo de toda a gravidez, ele se manteve ao lado de Ana e falava que gostaria de estar perto do filho para evitar que a criança tivesse a mesma vida que teve. Não passou muito tempo e ele caiu na estrada para nunca mais voltar.

Hoje a criança tem cinco anos e por diversas vezes foi tida como a alegria da casa e da família. A falta do pai é visível. "Toda vez que se machuca, grita: papai, papai", conta Ana. "É muito difícil para mim, porque eu tenho que ser a figura materna e paterna. Então eu dou um tapa e também tenho que fazer o carinho depois", comenta.

(*) O nome foi trocado

A vida trocada pelo crime

Um estudo feito na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase), antiga Febem em Porto Alegre, revela que 58,6% dos jovens consumidores de drogas não têm ou não tiveram o pai presente e 67,8% abandonaram a escola. Na sede do Centro de Atendimento Sócio-educativo em Semiliberdade (Casemi), em São Leopoldo, jovens que tinham tudo para se dar bem na vida encontraram na criminalidade uma alternativa para suprir a ausência do pai. Ivanildo* buscou no crime o apoio que não recebeu em casa. Hoje, dois anos depois de matar duas pessoas, ele está reabilitado e luta para que o filho de dois anos não tenha o mesmo futuro que teve. "Eu espero dar tudo o que não consegui para mim. Ele merece toda atenção do mundo", diz.

No mesmo lugar, outros jovens também seguiram o mesmo destino. Latrocínio, assassinato e uso de drogas são as respostas mais frequentes entre eles. Na maioria dos casos, o motivo é o mesmo: a falta de uma base familiar sólida. Uma realidade presente em todo o Brasil e que precisa ser combatida.

Todos os anos, 800 mil crianças são registradas no país tendo na certidão apenas o nome da mãe. E esta é uma das preocupações da Organização Não Governamental Brasil Sem Grades, que chegou a este número – inédito em pesquisas no Brasil.

O presidente da ONG, Luiz Fernando Oderich, acredita

que os reflexos de uma infância mal estruturada aparecem com maior frequência entre a adolescência e a fase adulta. "É quando a ausência da figura paterna mostra a verdadeira cara, e o filho, que foi criado sem essa base, pode entrar de vez para a criminalidade, ficar mais carente ou até não saber como agir em diversas situações".

A ONG foi criada por Oderich depois que ele perdeu o filho, vítima de um assalto. Assim, ele decidiu se dedicar a mudar essa realidade que todos os dias joga jovens brasileiros no crime. "O objetivo da ONG é tentar transformar o Brasil a fazer com que ele volte a ser um país seguro. A cela é a maneira com a qual a sociedade brasileira está tenta conviver com a criminalidade", comenta.

"Se o pai não ensinou as normas e as regras da casa, se ele não aprendeu na cadeia, quando for viver em sociedade, também não vai respeitar. Na verdade, tudo começa em casa e depois se reflete na sociedade", afirma Oderich. Estar presente na formação das crianças pode ser a maneira mais eficaz de fazer com que os índices de violência diminuam e pessoas como Ivanildo possam garantir um futuro melhor para os filhos.

(*) O nome foi trocado